

EDUCAÇÃO, TELEJORNALISMO E SAÚDE:

Vivências de uma repórter durante a pandemia da Covid-19 em Vitória da Conquista

NAYLA PEREIRA DOS SANTOS GUSMÃO¹
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo

O presente trabalho se propõe a refletir sobre o telejornalismo ocupando lugar na esfera da educação informal, levando a uma tomada de decisão dos indivíduos principalmente nas questões relacionadas à saúde e também pensar nos telejornais como um lugar de referência para a população, sendo o fazer jornalístico ferramenta importante no enfrentamento da pandemia. Para tanto são apresentadas discussões com diferentes referenciais teóricos e ainda, como ferramenta metodológica, um relato de experiência sobre a cobertura jornalística televisiva desenvolvida durante os anos da pandemia da Covid-19 em Vitória da Conquista, a saber de 2020 a 2022, enquanto repórter da Tv Sudoeste, afiliada à Rede Globo no município. Após as vivências descritas é possível compreender que o trabalho telejornalístico desenvolvido ao longo dos anos compõe o quadro da educação informal e apresenta os jornalistas como operadores didáticos, contribuindo para a tomada de decisão dos indivíduos durante o período pandêmico.

Palavras-chave: Educação informal. Pandemia Covid-19. Telejornalismo.

Abstract

The present work proposes to reflect on television journalism occupying a place in the sphere of informal education, leading to decision-making by individuals mainly on issues related to health and also to think about television news as a place of reference for the population, with journalistic practice being important tool in facing the pandemic. To this end, discussions are presented with different theoretical references and also, as a methodological tool, an experience report on television journalistic coverage developed during the years of the Covid-19 pandemic in Vitória da Conquista, namely from 2020 to 2022, as a reporter for Tv Sudoeste, affiliated with Rede Globo in the municipality. After the experiences described, it is possible to understand that the television journalism work developed over the years forms the framework of informal education and presents journalists as didactic operators, contributing to individuals' decision-making during the pandemic period.

Keywords: Covid-19 Pandemic. Informal Education. Television journalism.

Introdução

Refletir sobre a Educação, em suas diferentes nuances é tarefa desafiadora ao passo que é instigante. Pensar o processo educativo é primeiro compreender que ele pode acontecer em locais e de maneiras distintas e implica diretamente na formação dos indivíduos e no modo como eles compreendem a si próprios e a sociedade em que vivem.

¹ Os dados de cada autor/ra devem ser inseridos após as referências, como exemplificado ao final deste modelo/template.

Assume-se então o lugar dos meios de comunicação dentro da esfera da educação informal, não só transmitindo informações, mas, colaborando com a tomada de decisões dos indivíduos sobre diversas temáticas. Aqui serão abordadas as questões relacionadas a saúde, principalmente durante o período da pandemia da Covid-19.

Partindo destas perspectivas o telejornalismo é encarado como um lugar de referência para os sujeitos, experiência essa vivenciada na prática diária de elaboração de reportagens durante o período pandêmico. Após a atuação durante três anos enquanto repórter televisiva dentro do contexto da pandemia, foi possível aprofundar o pensamento científico não apenas sobre a prática jornalística, mas também sobre a intersecção entre os campos comunicação e educação.

O telejornalismo e a educação informal

Compreender a educação amplamente, é considerar que, para cada lugar de ensino, existem formas específicas em que a educação se constitui. Gohn (2006) propõe três conceitos de educação: formal, não-formal e informal e demarca seus campos de desenvolvimento.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados, e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos (Gohn, 2006, p.28).

6157

Partindo destes três conceitos Gohn (2006, p.29) segue dizendo que, no que diz respeito ao campo da educação informal, os agentes educadores são os pais, a família, os amigos, vizinhos os meios de comunicação dentre outros. Ressalta ainda que os espaços em que transcorrem os atos e processos educativos são demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia e etc.

Além disso é necessário destacar, seguindo o pensamento da autora, que a educação informal opera no contexto de ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados, e no que diz respeito a finalidade deste tipo de educação, em sua centralidade, está a socialização. “A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança”, (Gohn, 2006, p.29).

Outra conceituação importante sobre a educação informal está no trabalho de Libâneo (2010). Para ele, esse tipo de educação ocorre em diferentes espaços frequentados pelos indivíduos sendo resultado do ambiente sociocultural, como família, trabalho, rua, fábrica, política e meios de comunicação.

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas, que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas (Libâneo, 2010, p. 31).

A relevância em demandar esforços para compreender os processos educativos nos ambientes informais de ensino, está, segundo o autor, pautada na transformação do processo educativo com as transformações sociais que ocorrem ao longo dos anos. E a transformação da educação está diretamente ligada ao modo informal que influencia na personalidade e processo de socialização dos cidadãos mesmo que de modo “disperso e difuso” (Libâneo, 2010).

Assim como posto pelos autores acima citados, os meios de comunicação ocupam papel na educação informal, sendo a cultura um importante ponto de intersecção entre esses dois campos, a saber, a educação e a comunicação. Para Marques de Melo e Tosta (2008) a mídia tem vocação socializadora de bens culturais, símbolos, imagens, sons, fazendo esses bens simbólicos comuns a todos os indivíduos. Além disso os autores também apontam os papéis dos dois campos no encargo da socialização.

[...] podemos entender que a mídia compartilha, há mais de um século, com a escola e com a família, o processo educacional e a tarefa de socialização e de formação de sujeitos inscritos em um campo cultural, contrariando a tese da escola como instância privatista desses processos. Assim, podemos afirmar que são nos processos de educação e comunicação, amparados na tradição sobretudo na oralidade e na imagem que recebemos e reelaboramos a cultura: a cultura dos outros, dos nossos ancestrais; a nossa cultura. (Marques de Melo; Tosta, 2008, p. 55).

Dedicando esforços para compreender a ação dos meios de comunicação sobre os sujeitos, Vizeu e Correia (2008), apontam uma perspectiva do telejornalismo como um lugar de referência para os brasileiros semelhante à escola, família, amigos e religião e também um lugar de produção do conhecimento. E nesse sentido os autores defendem que o telejornal estabelece uma relação pedagógica com o telespectador, construindo uma operação didática atuando para explicar e traduzir termos técnicos e acontecimentos e buscando facilitar a compreensão para os públicos. Para Vizeu (2008),

Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma contribuem para a organização do mundo circundante. É o *lugar* em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos como a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. (Vizeu, 2008, p. 7).

No estudo de Vizeu e Correia (2008), para chegar a ser caracterizado como uma forma de conhecimento, o telejornalismo assume uma função didática. O jornalista pré-ordena o universo do discurso para o receptor, respondendo questões, ensinando como se portar diante do texto televisivo “ou seja, operando de forma didática a notícia faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público” (Vizeu; Correia, 2008, p.11).

Levando em consideração este e outros fatores os autores entendem o telejornalismo como um *lugar de referência*, uma espécie de lugar em que homens e mulheres recorrem para o bem ou para o mal. Os jornalistas seriam *operadores didáticos*.

Os jornalistas, de uma maneira geral, têm uma preocupação didática com relação a audiência. O Manual do Telejornalismo da rede Globo, por exemplo, assume um ar professoral ao explicar como o telespectador, a audiência deve ser tratada. Segundo o manual um dos grandes desafios do telejornalismo é a tradução de informações técnicas, a apresentação de pacotes econômicos, a decifração de termos financeiros, etc. [...] O receptor dos suportes de comunicação é alguém construído no próprio processo de produção jornalística. É dentro desse contexto que entendemos que é possível falar do telejornalismo como um lugar de referência. (Vizeu; Correia, 2008, p.11).

6159

Para chegar a esse lugar, o telejornalismo se vale de estratégias para a construção das narrativas e tornando a comunicação mais eficiente, interessante para a audiência e *didática*. Como destaca Santana (2016), exemplos disso são textos curtos, o uso da linguagem mais informal e correta, o casamento do texto com as imagens, matérias de pequena duração, a utilização de quadros com resumo de informações e/ou serviço, a repetição de assuntos, cenários e um *layout* esteticamente atrativos e belos, boa qualidade de imagem e som e etc. “Ou seja, uma gama de processos, métodos e estratégias que configuram a construção da realidade nos telejornais” (Santana, 2016, p.117).

Ainda segundo a autora, após compreender as diferentes funções do telejornalismo, é interessante pensá-lo como um ator de mediação que contribui com a construção do conhecimento do mundo cotidiano, e influencia em comportamentos.

O telejornal, além de ser um espaço para veiculação de várias temáticas da agenda pública nacional, torna-se também ator de uma mediação que envolve inúmeras características estéticas e de construções simbólicas em sua produção, que não só configuram estruturalmente os noticiários televisivos, mas que colaboram na organização, interpretação e modos de se tomar

conhecimento do mundo cotidiano, bem como podem contribuir com a audiência nas tarefas de se aprender modelos de comportamentos, de linguagens e hábitos de consumo (Santana, 2016, p.120).

Ainda refletindo sobre intersecções entre educação e comunicação, cabe também destacar esforços de autores para construção do campo comunicação/educação, como Baccega (2001), que defende a importância do campo para o processo de construção da cidadania dos indivíduos. “Na disputa estabelecida - entre meios de comunicação x escola x família – não é possível haver ganhadores e perdedores. Evidencia-se, cada vez mais um intercâmbio das agências de socialização na construção da cidadania” (Baccega, 2001, p. 31).

Em seu estudo, a autora inicia abordando dois importantes conceitos para a compreensão do campo comunicação/educação e como ele funciona: discursos e subjetividade.

A sociedade funciona no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se complementam: dessa dinâmica nascem os novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos outros e vão alterando seus próprios significados, nos momentos em que a materialidade do discurso-texto que circula é captada pelo enunciatário/receptor. Este lê/interpreta os discursos a partir do diálogo com os demais discursos sociais. Essa dinâmica ocorre tanto em nível sincrônico como diacrônico. As permanências históricas, muitas vezes sob a forma de mitos, provérbios, estereótipos, valores “positivos” ou “negativos”, também constituem parte importante desse diálogo entre os discursos. O universo de cada indivíduo é formado pelo diálogo desses discursos, nos quais seu cotidiano está inserido. E é a partir dessa materialidade discursiva que se constitui a subjetividade. Logo, a subjetividade nada mais é que o resultado da polifonia que cada indivíduo carrega. (Baccega, 2001, p.20)

6160

A base do campo comunicação/educação estaria, portanto, como um novo espaço capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. Uma tarefa, segundo a autora, complexa, que exige o reconhecimento dos meios de comunicação como um lugar do saber, atuando junto a escola e outras agências de socialização.

O desafio, hoje, é a interpretação do mundo em que vivemos, uma vez que as relações imagéticas estão carregadas da presença da mídia. Trata-se de um mundo construído pelos meios de comunicação, que selecionam o que devemos conhecer, os temas a serem pautados para discussão e, mais que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos compreender esses temas. Eles se constituem em educadores privilegiados, dividindo as funções antes destinadas à escola. E têm levado vantagem. O campo da comunicação/educação é um dos desafios maiores da contemporaneidade. Não se reduz a fragmentos, [...] tendo em vista que a edição do mundo realizada pelos meios está presente em alunos, professores, cidadãos. Sua complexidade obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, entre muitos outros. (Baccega,2001,p.21).

Essa “edição do mundo”, efetivada pelos meios de comunicação, não é exclusiva a eles. O mundo que é levado ao receptor pelos relatos, que chega editado, também ocorre em outras formas de educação informal como na fala do vizinho, amigo, familiar ou mesmo na conversa entre alunos. Essas mediações, fazem a montagem do mundo que o sujeito conhece obedecendo a diferentes interesses.

Se o mundo que o sujeito tem acesso é o editado, a autora defende que é nele, com ele e para ele que se impõe a construção da cidadania. Desta forma, no processo de reflexão sobre o campo comunicação/educação outro ponto importante surge “constatar que eles [os meios de comunicação] são educadores primeiros, pelos quais passa a construção da cidadania. Afinal, são eles fonte primeira que educa a todos os educadores: pais professores, agentes de comunidade, etc” (Baccega, 2001, p.22).

E nesse jogo de construção da cidadania, a necessidade de compreender bem os meios de comunicação se instala. É imprescindível saber lê-los criticamente, para que seja possível percorrer um trajeto que vai do mundo que eles entregam editado, à construção do mundo que permite a todos o plexo exercício da cidadania. (Baccega, 2001).

Vivências de uma repórter de televisão durante a pandemia da Covid-19: um relato de experiência

6161

Apesar de ter iniciado a construção deste artigo propondo uma reflexão do telejornalismo como *lugar de referência*, sendo os jornalistas *operadores didáticos* e os telejornais ocupando espaço dentro do contexto da *educação informal*, na prática o caminho percorrido foi inverso.

Partindo do lugar de experiência prática do fazer telejornalístico, principalmente entre os anos de 2020 e 2022, período da pandemia da Covid-19, é que as percepções da influência televisiva na tomada de decisões dos indivíduos se tornaram mais latentes. O ponto de partida para o pensamento científico foi a experiência vivenciada “Ela é vivida antes de ser captada pelo pensamento, apreendida pela reflexão, caracterizada em seus componentes” (Breton; Alves, 2021, p.3).

O relato de experiência parte desse lugar, de vivências diárias que despertaram saberes e conseqüentemente levaram ao lugar do conhecimento científico.

Nosso conhecimento não pode, pois, configurar-se validamente a não ser dentro dos quadros da experiência sensível, não consegue se pronunciar sob formato legítimo senão circunscrito às balizas da sensibilidade. É a

experiência, aquela dos objetos que afetam nossos sentidos, que desperta nosso poder de conhecer. Mas isso é verdade apenas temporalmente. Certo, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e é com ela que todo conhecimento começa. (MENEZES, 2021, p.10)

Diante do exposto rememoro a última semana do mês de março de 2020, quando, mesmo sem nenhum caso confirmado da Covid-19 no município o então prefeito de Vitória da Conquista, Herzem Gusmão, decretou o fechamento do comércio como forma de evitar aglomerações. Decisão publicada no Diário Oficial do município em 22 de março de 2020². O primeiro caso local confirmado veio na semana seguinte: um jovem de 27 anos que teve sintomas leves da doença³.

A partir dessa primeira decisão as chegadas à redação eram sempre pautadas na atualização das informações, primeiro, acerca dos casos confirmados junto as secretarias de saúde municipal e estadual e também sobre o funcionamento do comércio. A decisão gerou repercussão na cidade, a prefeitura chegou a voltar atrás e depois optou por manter o decreto de fechamento das lojas de serviços não essenciais de Vitória da Conquista. Além dos questionamentos que ouvíamos na rua, durante a execução das reportagens, era bastante comum recebermos ligações de telespectadores buscando informações se, de fato, o comércio estava fechado.

Vale destacar, que a temática saúde sempre figurou dentre os conteúdos veiculados pela televisão ao longo dos anos. Atuando como estagiária, produtora e posteriormente como repórter da emissora, os temas relacionados a saúde sempre foram abordados, principalmente em meses de campanhas nacionais como “Outubro Rosa”, “Novembro Azul”, meses de conscientização do câncer de mama e próstata respectivamente ou mesmo durante as campanhas de vacinação.

Mas, as questões relacionadas à pandemia da Covid-19 ocuparam lugar central em toda a cobertura jornalística durante quase três anos. As orientações das autoridades em saúde eram obrigatoriamente compartilhadas pelos jornais locais e a luta contra um inimigo invisível trazia consigo novas informações e instruções para população que, em sua grande maioria, as seguia quase que imediatamente.

² <https://dom.pmvc.ba.gov.br/diarios/2020/3>

³ <https://www.pmvc.ba.gov.br/conquista-tem-seu-primeiro-caso-de-coronavirus-resultado-foi-liberado-pelo-lacen-por-volta-das-18h30/#:~:text=Vit%C3%B3ria%20da%20Conquista%20atesta%20seu,Secretaria%20de%20Sa%C3%BAde%20o%20Munic%C3%ADpio.>

Em nível nacional, em um primeiro momento não existiam orientações para uso de máscaras pela população em geral. Posteriormente quando a direção foi emitida pelo Ministério da Saúde, no dia 2 de abril de 2020, o jornalista Márcio Gomes ensinava, ao vivo, no programa “Combate ao Coronavírus” da Rede Globo, a como fazer em casa uma máscara de tecido utilizando um lenço e dois elásticos para cabelo⁴.

Quando essas orientações se tornaram claras para a redação da Tv Sudoeste (todos os direcionamentos nessa época eram compartilhados diretamente pela central da Globo no Rio de Janeiro) e divulgamos que as máscaras de tecido eram de fato aconselháveis para o período vivenciado, nos dias seguintes nós mesmos da emissora recebemos esse tipo de máscara da empresa e era possível ver pessoas usando-as nas organizações, supermercados e filas de bancos. Dias depois elas já eram vendidas pelos ambulantes nas ruas.

Ao exercitar essa tarefa de rememoração, percebo que provavelmente foi neste momento que percebi, ainda mais, a força da profissão que estava executando naquele momento da história e o desafio que se agigantava pela frente. Não só informar, mas de fato educar a população, orientar quais medidas precisavam ser tomadas dali em diante para o cuidado com a saúde de si e dos familiares.

Os meses se passaram e a cobertura jornalística aumentava. Apesar da carga horária reduzida neste período, trabalhávamos diariamente para colocar dois jornais no ar, a saber o Bahia Meio Dia e o BATV, com divulgação do número de casos confirmados, posteriormente número de óbitos pela doença e principalmente orientações sobre como se prevenir do coronavírus.

Para resguardar as equipes de reportagem, a decisão da Rede Globo foi de que nós repórteres não devíamos entrar nos hospitais para as entrevistas, elas eram feitas somente do lado de fora das unidades. Repórter e cinegrafista utilizavam máscara continuamente (só poderíamos aparecer ao vivo e nas reportagens utilizando máscara branca), um microfone foi incluído no kit da equipe exclusivamente para o entrevistado e deveria ser higienizado antes e após o uso e diversas outras medidas administrativas foram tomadas pela empresa no cuidado com os colaboradores.

O ano de 2020 certamente foi o mais desafiador. Com informações que eram atualizadas dia após dia e constantes questionamentos da população sobre como enfrentar a pandemia, éramos desafiados diariamente a educar, estando nós mesmos em processo de aprendizagem.

⁴ <https://globoplay.globo.com/v/8451502/>

Com o número de óbitos crescendo, utilizávamos de estratégias de humanização para que os dados não fossem banalizados. A cada morte registrada procurávamos investigar o perfil do paciente, com informações como idade, sexo, vinculação a instituições dentre outras e divulgá-las sempre que possível.

Com a perspectiva da vacina ainda distante, o comércio retomou as atividades de forma escalonada e por isso diariamente passávamos as informações, ao vivo e por meio de tabelas e gráficos com os horários detalhados para que a população pudesse organizar a resolução das demandas. Além disso, outro aspecto importante foi o compartilhamento das informações sobre o auxílio emergencial, enviado pelo governo. Orientávamos sobre as documentações necessárias, como realizar o cadastro pelo aplicativo e também mostrávamos as grandes filas que se formavam principalmente em frente a Caixa Econômica Federal para saque do benefício.

A cobertura jornalística local sobre a pandemia da Covid-19 ganhou novas perspectivas no dia 19 de abril de 2021, quando Luzenásia Beiginho de Souza de 33 anos, uma técnica em enfermagem que atuava no Centro de Atenção Municipal Covid-19 recebeu a primeira dose da Vacina em Vitória da Conquista. Quase todos os veículos de comunicação locais estavam presentes para registrar o momento.

As informações com horário, local, tipo de vacina, modelo de vacinação (para pedestres ou drive Thru) e idade do público alvo eram compartilhadas diariamente nos dois jornais locais e também em nossas entradas ao vivo para os jornais estaduais e nacionais. Nesse período atendíamos dezenas de ligações de pessoas perguntando sobre as informações acerca de vacinação e diferentes matérias foram elaboradas para tratar sobre a eficácia e segurança da vacina ouvindo médicos e outros especialistas na área.

Vale destacar também que a cobertura sobre a pandemia da Covid-19 em Vitória da Conquista teve um triste marco que foi amplamente noticiado: a morte do então prefeito do município, Hérzem Gusmão. Herzem foi internado no hospital Sírio Libanês em São Paulo em dezembro de 2020 e faleceu em 18 de março de 2021 por complicações da Covid-19.

No dia de seu velório e sepultamento, em 20 de março de 2021, apesar de apenas dois meses desde o início da vacinação e poucos conquistenses terem tido acesso ao imunizante, milhares de pessoas se reuniram para acompanhar o cortejo fúnebre. A programação contou com atrasos e durante todo o dia, foram sete entradas ao vivo realizadas em jornais locais, estaduais e nacionais, com as informações sobre velório e sepultamento. Por se tratar de um espaço fechado e com credenciamento único para acesso não foi permitida a troca de repórteres

e por isso iniciei a cobertura às 08 horas da manhã e finalizei às 20:00h. Foram 12 horas ininterruptas de trabalho.

Figura 1: Entrada ao vivo para a Globo News



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2: Entrada ao vivo para BATV estadual



Fonte: Arquivo pessoal

Nos meses que se seguiram a vacinação era o principal foco da cobertura jornalística. Vimos acontecer um fenômeno que chamamos internamente de “Efeito BMD” ou “Efeito Bahia Meio Dia”. Por diversas vezes, assim que divulgávamos as informações sobre os locais que estavam ofertando a vacina nos primeiros minutos do jornal, víamos nos instantes seguintes uma grande quantidade de pessoas que, ao assistirem o Bahia Meio Dia, tomaram a decisão de ir ao ponto de vacinação para receber o imunizante.

Em uma oportunidade, estava fazendo uma entrada ao vivo na faculdade Fainor, onde acontecia a vacinação para o público alvo que eu integrava. Assim que terminou o jornal retornei para a redação, finalizei o expediente e fui para este ponto tomar o imunizante. Chegando lá a quantidade de pessoas na fila era três vezes maior do que quando tinha saído.

Ao chegar minha vez as vacinadoras me disseram “tá vendo? Foi você divulgar que encheu de gente. Quando vocês falam e mostram as imagens as pessoas acreditam e vem vacinar”.

E relatos desse tipo se multiplicaram ao longo dos quase três anos de cobertura jornalística. Além de vermos na prática os efeitos das informações transmitidas na tomada de decisões dos indivíduos, ouvi, particularmente, diferentes relatos como “tomei a vacina depois que vi sua carteira de vacinação ao vivo no jornal”, “fiquei esperando passar no BATV pra ir pra o local de vacinação”, “passei a usar máscaras porque vi vocês usando”, “vocês explicam de forma muito clara, isso ajuda a gente”.

A certeza da relevância do trabalho desempenhado foi crescendo dia após dia, junto ao compromisso com as informações veiculadas e com a preocupação didática de transmissão dos dados. Rememorar, mesmo que de forma breve esses três anos, é perceber que atuamos sem dúvidas, junto a outras instituições e organizações, no contexto da educação informal, contribuindo com a tomada de decisões dos indivíduos.

Resultados

O trabalho de rememoração para a construção deste relato de experiência fez refletir sobre como, na prática, o telejornalismo ocupa espaço dentro do campo da educação informal e os conceitos de Vizeu (2008) de *operadores didáticos* ao se tratar dos jornalistas e *lugar de referência* ao refletir sobre os meios de comunicação de fato foram percebidos na prática.

Primeiro, se compreendemos que, segundo Gohn (2006), a educação informal opera nos ambientes espontâneos, socializa os indivíduos e desenvolve hábitos, atitudes e comportamentos, essas ações foram percebidas durante a prática jornalística no período pandêmico. A população seguiu orientações que eram compartilhadas pelos telejornais locais, como o uso de máscara de tecidos, indicações de não frequentar o comércio local por estar fechado e posteriormente se dirigir a um ponto estratégico para vacinação contra a Covid-19 conforme esses conteúdos eram compartilhados nos programas jornalísticos.

Essa tomada de decisão por parte de milhares de pessoas ao longo dos quase três anos de pandemia, a partir do que foi consumido nos veículos de comunicação, também se relaciona ao conceito de educação informal proposta por Libâneo (2010) ao tratar que esse tipo de educação corresponde as ações e influências exercidas pelo meio que resultam em conhecimentos, experiências e práticas mas que não necessariamente são intencionais ou organizadas.

Além disso, o trabalho enquanto repórter de sistematizar as informações, o esforço exercido para tornar os dados e informações sobre o coronavírus - que eram novos para todos – claros e concisos para a população reitera o papel do jornalista, não como um professor em sala de aula, figura latente e imponente no contexto da educação formal, mas sim, como um *operador didático* que, como defende Vizeu (2008), é aquele que tem uma preocupação didática com a audiência, e tem como grande desafio a tradução de informações técnicas. Naquele momento foi feita uma mediação entre o campo de conhecimento saúde e o público.

Partindo das vivências apresentadas e do feedback recebido pelos telespectadores é possível concluir ainda que a conceituação do autor sobre o jornalismo como *lugar de referência* também pôde ser percebido, lugar semelhante à escola, família, amigos e religião além de ser um espaço de produção do conhecimento. Com a relação pedagógica que foi estabelecida, não foram poucos os relatos recebidos de pessoas que de fato encaravam os jornais como esse lugar de orientação, indicando que o que era apresentado era organizado, sistematizado, ordenado e referenciado por fontes e por isso, crível.

Considerações Finais

6167

Pensar nos meios de comunicação é entender a relevância que eles exercem na formação dos sujeitos e na percepção de mundo e sociedade. Aprofundar a discussão dentro da perspectiva dos meios de comunicação compondo a complexidade da educação informal é compreender o papel ativo que eles exercem sobre cada pessoa, individualmente e coletivamente, produzindo conhecimento, se tornando um lugar de referência e contribuindo, assim como a família, escola, amigos e etc, com a formação dos indivíduos e direcionando a uma ação de tomada de decisões acerca do conteúdo recebido.

Além disso, a relação entre a comunicação e educação, precisa ser refletida e discutida na perspectiva de que, a convergência destes campos, contribui no sentido da construção da cidadania e no ato de pensar e agir sobre o mundo.

A experiência vivenciada foi o ponto de partida para as reflexões acerca da intersecção entre os dois campos, estudos que devem ser aprofundados ao longo dos próximos anos com outras pesquisas acadêmicas dentro da temática. Porém, mesmo esse exercício breve de reflexão, pode trazer considerações importantes para a construção do conhecimento nas áreas da comunicação e educação.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos.** Revista USP, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 48, p. 18-31, dez./fev. 2000-2001.

BRETON, H.; ALVES, C. A. **A narração da experiência vivida face ao “problema difícil” da experiência: entre memória passiva e historicidade.** Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v.17, n. 44, p. 1-14, jan./mar., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8013/5526> . Acesso em: 20 abr. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** 2006. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sW HxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 16 de abr. de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MENEZES, E. **Método e limites da razão em Kant: enfoques preliminares.** Cenas Educacionais, v. 4, p. e11425, 29 maio 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11425/7918> . Acesso em: 20 de abr. 2024.

SANTANA, Mayara Jordana Sousa. **Telejornalismo e educação: um estudo a partir da análise de telejornais goianos.** 2016. 211 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência.** 2008. Disponível em < https://www.academia.edu/385852/A_constru%C3%A7%C3%A3o_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguran%C3%A7a_ao_lugar_de_refer%C3%A7%C3%A3o >. Acesso em: 16 de jan. de 2024.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida.** In VIZEU, Alfredo (org). **Telejornalismo: a nova praça pública.** Florianópolis: Insular, 2008. p.19-40.

Autor 1:



Nayla Pereira dos Santos Gusmão
Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Uesb,
Mestre em Letras: cultura, educação e linguagens pela mesma
instituição, Bacharel em Comunicação Social. Repórter e
Apresentadora da Tv Sudoeste.
E-mail: naylasantosp@gmail.com
Lattes: 9943600535399434
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1793-5917>